

ORGANIZAÇÃO **HÉLIO GUIMARÃES**

O AMOR NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS É SEMPRE CONTRADITÓRIO E DESAFIADOR DOS IDEAIS ROMÂNTICOS DE SUA ÉPOCA. SITUADO NAS ZONAS DE INDEFINIÇÃO E PENUMBRA, ESSE SENTIMENTO NA LITERATURA MACHADIANA SOFRE INFLUÊNCIA DE CONTINGÊNCIAS E INTERESSES TÃO DIVERSOS QUE É IMPOSSÍVEL UNIVERSALIZÁ-LO OU FIXAR SEUS SENTIDOS. ESSA COMPLEXIDADE DO AMOR, CUJAS LACUNAS MACHADO CONVIDA O LEITOR A COMPLETAR, ESTÁ PRESENTE EM CADA UM DOS QUINZE CONTOS REUNIDOS NESTA COLETÂNEA, DESDE OS MAIS CELEBRADOS, COMO “MISSA DO GALO” E “A CARTOMANTE”, ATÉ AQUELES NUNCA PUBLICADOS EM LIVRO PELO AUTOR, COMO “CURTA HISTÓRIA”, “UM ESQUELETO” E “ENTRE DUAS DATAS”.

MACHADO DE ASSIS **CONTOS SOBRE O AMOR** E SUAS VARIACÕES

MACHADO DE ASSIS

CONTOS SOBRE O AMOR
E SUAS VARIACÕES



MATA

CELA

DO DE ASSIS

**CONTOS SOBRE O AMOR
E SUAS VARIAÇÕES**

© Hélio Guimarães (organização), 2016

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos e Lígia Azevedo
Assistência editorial: Olívia Lima

Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Assis, Machado de, 1839-1908

Machado de Assis : contos sobre o amor e suas variações / organização
Hélio Guimarães. -- São Paulo : Edições SM, 2017.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-418-1842-1

1. Contos brasileiros I. Guimarães, Hélio.

II. Título.

17-06287

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição outubro de 2017

2ª impressão 2020

Todos os direitos reservados à

SM EDUCAÇÃO

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.grupo-sm.com/br

**MATA
CELA
DO** **DE ASSIS**

**CONTOS SOBRE O AMOR
E SUAS VARIAÇÕES**

**ORGANIZAÇÃO
HÉLIO GUIMARÃES**



SUMÁRIO

Apresentação, 7

Sobre esta edição, 23

Missa do galo, 25

Curta história, 33

Terpsícore, 37

Trio em lá menor, 47

Uns braços, 55

A causa secreta, 65

A cartomante, 77

Entre duas datas, 87

Noite de almirante, 99

Cantiga de esponsais, 107

Um esqueleto, 113

O relógio de ouro, 133

Mariana, 143

Frei Simão, 163

Três tesouros perdidos, 173

Posfácio, 177

Referências bibliográficas, 183

Outras edições, 185

APRESENTAÇÃO

Os contos que compõem este livro foram selecionados entre os cerca de duzentos escritos por Machado de Assis desde sua estreia no gênero, quando era ainda um jovem e desconhecido escritor, até aqueles que publicou nos últimos anos de vida, já autor de obra vasta e amplamente reconhecido em todos os círculos literários do país. Temos aqui, portanto, desde as primeiras incursões de Machado na ficção até as obras-primas que frequentemente o fazem ser lembrado entre os grandes criadores do conto moderno, ao lado de Edgar Allan Poe (1809-49), Guy de Maupassant (1850-93), Henry James (1843-1916) e Anton Tchekhov (1860-1904), para ficar apenas em alguns autores mais ou menos contemporâneos do escritor brasileiro, que viveu de 1839 a 1908.

Como esses escritores, Machado ajudou a definir com suas narrativas curtas a economia do gênero, contando histórias com foco narrativo bem delimitado, desenvolvidas em tempo e espaço bastante restritos, verticalizando a análise de tal modo que, em poucas páginas escritas e alguns minutos de leitura, entramos em contato com dilemas morais e interpretativos de grande profundidade e alcance. Como definiu um excelente contista e teórico dessa forma narrativa, o argentino Julio Cortázar, o grande conto é capaz de transformar um

episódio doméstico, cotidiano e aparentemente sem importância “no resumo implacável de uma certa condição humana, ou no símbolo candente de uma ordem social ou histórica”¹.

Machado é um dos raros escritores brasileiros do século XIX que de fato têm esse poder de transformação e síntese. Por isso é capaz de em pouquíssimas páginas contar histórias a princípio banais, muitas vezes situadas num único ambiente e num intervalo de tempo curto, em que condensa experiências imensas. Às vezes são histórias que nem seus narradores nem seus protagonistas compreendem bem e que deixam a nós, leitores, ao mesmo tempo encantados e intrigados.

É o caso do conto que abre esta coletânea, “Missa do galo”, exemplo da maestria do contista. A história se passa na sala de estar de uma casa do Rio de Janeiro, no período exato de uma hora que antecede a realização da missa do galo, tradicionalmente celebrada à meia-noite do dia 25 de dezembro. Embora o título do conto chame a atenção para esse grande momento da liturgia católica, que celebra o nascimento de Jesus Cristo e, portanto, as origens do cristianismo, nada disso tem importância no conto. A história se concentra no encontro entre um jovem de dezessete anos e uma mulher casada e madura, de trinta anos, que conversam sobre livros, a dificuldade de pegar no sono, sonhos, pesadelos e a decoração da sala.

Mas o que de fato acontece durante o encontro, carregado de sensualidade, subentendidos e talvez mal-entendidos? Não sabemos e nunca poderemos saber, porque o próprio protagonista, que nos conta a história, inicia o conto com a seguinte frase: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos”. Ao contar depois de tanto tempo uma história possivelmente vivida na excitação do desejo adolescente por uma mulher madura, o narrador decla-

1. Julio Cortázar, “Alguns aspectos do conto”. In: *Valise de cronópio*. Org. Haroldo de Campos e Davi Arrigucci Jr. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 153.

ra: “Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me”. Os limites entre fato e imaginação estão completamente esgarçados. Assim, o leitor é convocado a trabalhar para reconstituir os possíveis sentidos de uma experiência que percebe ter sido muito intensa, ainda que não saiba exatamente o que ocorreu.

“Missa do galo” é apenas uma das quinze excelentes narrativas escolhidas para figurar nesta antologia, que inclui contos publicados ao longo de quase quatro décadas. O critério da seleção foi tanto temático como da representatividade dos textos em relação ao conjunto da obra do escritor. Assim, temos contos das várias coletâneas que Machado publicou em vida e alguns que nunca foram reunidos em livro por ele. Esses foram recuperados postumamente das páginas dos jornais e revistas em que foi colaborador assíduo e nos quais publicou grande parte do que escreveu nos vários gêneros praticados em mais de cinquenta anos de carreira literária, incluindo poesia, teatro, crítica, conto, romance e correspondência.

9

O recorte temático permite ter uma ideia da amplitude e originalidade com que Machado tratou de um assunto que ocupou escritores de todos os tempos e lugares, e de como assumiu posição singular e sempre crítica em relação às ideias amorosas que frequentavam a prosa do século XIX. Machado faz questão de apresentar em suas histórias todas as idealizações, racionalizações e clichês sobre o amor, destruindo-os um a um, como será visto no posfácio deste livro. O leitor também pode acompanhar as modificações no tratamento do tema, que ganha novas nuances à medida que a obra se desenvolve, e notar muitas convergências entre o que realiza nos contos e nos romances. Há muito mais em comum entre o conto “O relógio de ouro” (1873) e *Dom Casmurro* (1899), ou entre “Três tesouros perdidos” (1858) e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880), para ficar apenas em dois exemplos, do que estamos acostumados a pensar a partir da divisão da obra machadiana em duas fases e gêneros estanques.

A disposição dos contos em ordem cronológica inversa à das suas primeiras publicações, começando com a obra-prima “Missa do galo”, de 1894, e recuando cronologicamente até “Três tesouros perdidos”, um dos primeiros escritos ficcionais de Machado, publicado em 1858, dá ao leitor a possibilidade de perceber a variedade, mas também a recorrência de certas abordagens e procedimentos narrativos. Se lidos dos mais recentes para os mais antigos, o leitor, ao recuar no tempo, vai reconhecendo as estruturas básicas a partir das quais o escritor construiu sua obra ficcional. Se lidos dos mais antigos para os mais recentes, pode observar o domínio cada vez maior da escrita e os crescentes níveis de complexidade que foi imprimindo a suas personagens e narrativas. Essa complexidade tem mais que ver com o crescente poder de sugestão das personagens e situações, que provocam a imaginação do leitor, do que com qualquer desenho nítido das personagens ou descrição exaustiva das situações.

10

A incerteza das fronteiras entre realidade e imaginação é central também em “Uns braços”, publicado nove anos antes de “Missa do galo”. Nesse conto, Inácio, um rapaz de “quinze anos feitos e bem feitos”, se interessa por d. Severina, uma mulher “com vinte e sete anos floridos e sólidos”, esposa do solicitador Borges, de quem ele é ajudante e em cuja casa mora de favor. O rapaz fica encantado especificamente com os braços da mulher mais velha. Nas três ocasiões diárias em que se aproxima dela, durante as refeições, olha sorratamente para eles; no restante do tempo, tem a imagem dos braços impressa na memória. Assim, perdido em constantes devaneios, o jovem enamorado se torna alvo da fúria de Borges, o que o faz cogitar fugir dali e não voltar mais. Mas já é tarde, já não pode fugir, pois “sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de d. Severina”. A mulher, por sua vez, começa a desconfiar das atitudes do jovem. A princípio acha impossível, dada a idade do rapaz, mas depois se pergunta: “Que admira que começasse a amar?”. Finalmente, num domingo que Inácio nunca esqueceu, “um imenso domingo universal”, enquanto lia a história da *Princesa Magalona*, a imaginação

e o sonho se confundem com a realidade, e “as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela”. Mas efetivamente não sabemos — nem nós, leitores, e talvez nem mesmo as personagens do conto — se o beijo entre Inácio e d. Severina de fato se concretizou.

HISTÓRIAS DE FIDELIDADE E TRAIÇÃO

A conjunção entre amor, casamento e traição é central em cinco histórias deste livro. Em “A causa secreta”, temos um estranho triângulo amoroso formado por um jovem médico, Garcia, seu amigo Fortunato e a mulher dele, Maria Luísa. A estranheza começa pelas circunstâncias em que Garcia e Fortunato se encontram, e se espraia pelos hábitos de Fortunato, que gostava de dar bengaladas em cachorros e tinha “muita fé nos cáusticos”, assim como compreende as relações entre Fortunato e a mulher, pois “havia alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor”. Isso não impedia que Fortunato, dado a se deliciar com o sofrimento de homens e animais, a amasse deveras, *a seu modo*, como sublinha o narrador, pois “estava acostumado com ela, custava-lhe perdê-la”. Entretanto, Garcia sente entrar em seu coração, de mansinho, o amor por Maria Luísa, deformando sua visão e seu juízo, fazendo com que troque possibilidades por certezas. O clímax do conto se dá no momento em que, diante do corpo morto de Maria Luísa, vencida pela tuberculose, Garcia rebenta em soluços e “lágrimas de amor calado”, no que é contemplado ao longe por Fortunato, que “saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa”. Nesse conto, as relações entre amor, prazer e dor são revolvidas em profundidade e com nuances, sugerindo os componentes sombrios que podem figurar nas relações amorosas.

Em “A cartomante” temos um novo triângulo amoroso, formado desta vez por dois amigos de infância, Camilo

e Vilela, e a mulher deste último, Rita. Ou, na síntese do narrador: "Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens". Somos informados de que a convivência dos três levou à intimidade, mas como daí Camilo e Rita chegaram ao amor ele nunca soube. O fato é que os dois passaram a se encontrar às escondidas numa casa na antiga rua dos Barbonos. O caso vai de vento em popa até o momento em que o rapaz começa a receber cartas e bilhetes dizendo que a aventura é conhecida de todos. Temeroso da opinião pública e principalmente do marido da amante, Camilo se afasta do casal, o que deixa Rita temerosa a ponto de recorrer a uma cartomante para indagar sobre o futuro de seu amor. Certo dia, o cético Camilo recebe um bilhete de Vilela, pedindo que vá com urgência à sua casa. Alvorçado, responde prontamente ao chamado, não sem antes parar na casa da cartomante (ele, que havia ridicularizado tanto a amante, a quem considerara supersticiosa!). Na consulta, a cartomante italiana lhe diz cheia de convicção: "vá, *ragazzo innamorato...*". E o desfecho, bem, o desfecho é sempre grandioso e surpreendente mesmo para quem já leu o conto muitas vezes.

Em "Um esqueleto", a ideia romântica de fidelidade eterna ao primeiro amor é mais uma vez levada ao limite do absurdo. O conto traz a história de um homem extravagante, o dr. Belém, misto de cientista e charlatão, de aspecto ao mesmo tempo meigo e sinistro, que na altura dos cinquenta anos decide, sem mais nem menos, casar novamente. A escolhida é uma bela viúva residente em Ouro Preto, d. Marcelina, que a princípio se recusa à união, por fidelidade ao marido morto, mas ao final cede às propostas. Ocorre que o dr. Belém cultiva os hábitos mais estranhos, como o de guardar num armário o esqueleto da primeira esposa. Ou, mais bizarro, de acordar no meio da noite para abraçá-lo e beijá-lo. Ou ainda de almoçar com a atual mulher tendo à mesa a primeira, constituída apenas do mais puro osso. Esta cena é presenciada com horror pelo narrador do conto, Alberto, que conta a um grupo de amigos a história

insólita, de tons que lembram as narrativas fantásticas do escritor alemão E. T. A. Hoffmann (1776-1822). Com pena de Marcelina, que cada vez mais duvida do equilíbrio mental do marido e vive apavorada na sua companhia, Alberto tenta protegê-la, o que produz no dr. Belém a convicção de que os dois se amam. As revelações mais surpreendentes e escabrosas não param de surgir até a linha final do conto, que questiona os limites entre amor e loucura, com o ciúme desempenhando um papel importante.

Surpreendente também é o final de “O relógio de ouro”, conto em que toda a trama e tensão se constroem e se desenvolvem a partir da seguinte situação: num belo dia, Luís Negreiros chega à sua casa e encontra sobre a mesa do quarto um relógio de ouro. Sem compreender o porquê da presença do objeto intruso na intimidade de sua casa, passa a interrogar a mulher, Clarinha. Ela permanece calada, para desespero do marido, que nunca diz explicitamente, mas parece fazer uma única suposição, compartilhada pelo narrador: de que sua esposa o está traindo. No auge das discussões, em que o marido, exasperado com aquele mistério, tem ímpetos de avançar sobre a mulher, o casal recebe a visita do pai dela, que chega para o almoço. Descobrimos então que o pai hesitara em dar a mão da filha a Negreiros, um tipo mulherengo, como aliás fora o próprio homem, que fizera a esposa sofrer muito. Durante o almoço, descobrimos também que no dia seguinte é aniversário de Luís Negreiros, o que faz supor que o relógio seria um presente. Mas de quem? Clara se mantém em silêncio, e o mistério continua. A tensão é crescente, até que, tomado de cólera e ciúme, Negreiros dá um ultimato à esposa: “— Responde, demônio, ou morres!”. Diante da ameaça, Clarinha revela o que sabia desde o início, já que tinha a posse de um bilhete que esclarecia toda a situação, produzindo uma enorme reviravolta em relação às suspeitas do marido e do narrador, em certa medida encampadas por nós, leitores.

O mesmo tema aparece em “Três tesouros perdidos”, uma das primeiras narrativas ficcionais de Machado, publi-

cada quando ainda nem tinha completado dezenove anos. Em tom francamente jocoso, temos a história de um homem, nomeado F., que procura outro homem, X., para acusá-lo de estar fazendo a corte à sua mulher, E., e ordenar a ele que suma, para o que F. dá a X. uma carteira com uma boa soma em dinheiro. X., muito contente, pega o dinheiro e vai para Minas. F., ao voltar para casa, encontra um bilhete da esposa, dizendo que fugiu para a Europa com um amigo, P. O resumo da história vem no último parágrafo do conto, na fala de F.: “— Perdi três tesouros a um tempo: uma mulher sem igual, um amigo a toda prova, e uma linda carteira de encantadoras notas... que bem podiam aquecer-me as algibeiras!...”.

Os enganos e as ilusões envolvendo amizade e dinheiro, que movimentam boa parte das narrativas de Machado de Assis sobre o amor, ganham uma espécie de síntese nesse conto inicial do escritor. Nele, o narrador deixa claro o poder dissolvente do dinheiro, o grande valor emergente e triunfante, que se sobrepõe a tudo o mais naquele tempo, que não deixa de ser também o nosso.

14

O MITO ROMÂNTICO EM QUESTÃO

O mito romântico do amor eterno está permanentemente posto em questão e é até mesmo ridicularizado nas narrativas do escritor. Em “Noite de almirante” e “Entre duas datas”, somos expostos, com as personagens mais ingênuas, à ideia de que a “verdade” do amor, como tudo o mais, está sujeita às circunstâncias, aos interesses de momento e aos pontos de vista.

“Entre duas datas” é um conto que trata dos efeitos da passagem do tempo sobre o amor, ou de como “o complexo das circunstâncias da vida” pode cavar um abismo entre duas pessoas que um dia se amaram intensa e sinceramente. Questionando e dissolvendo mais uma vez os mitos românticos do primeiro amor e do amor eterno, temos a história do bacharel Duarte e de Malvina, que, embora se amassem e se merecessem, não se casam porque o pai

dela queria uma união (ou um investimento) mais vantajoso para a filha: com um general ou mesmo com um comendador rico. Nas palavras maliciosas do narrador, o pai “não queria arriscar todo o dinheiro que tinha nesse bilhete que podia sair-lhe branco”. Com isso, os dois jovens enamorados se separam e vão viver cada um sua vida. Duarte vai viajar pela Europa e tem outra noiva, que morre. Malvina, contrariando a vontade do pai, casa com outro bacharel pobreto, mas logo enviúva. Nove anos mais tarde, os dois se reencontram, na grande expectativa de ver o velho amor reacender. Mas o que se dá entre eles são diálogos frios, falta de assunto, estranheza e suspeição recíproca. Os jovens que um dia se amaram eram os mesmos, mas também eram outros. Na formulação paradoxal do narrador: “Nem ele era ele, nem ela era ela”. Ficamos sabendo que seis ou oito meses mais tarde cada um encontra seu cônjuge e toca a vida, e o conto se fecha com este comentário desiludido: “Parece que não ganharam nada; mas ganharam não casar uma desilusão com outra: eis tudo, e não é pouco”.

15

“Noite de almirante” é uma história publicada poucos meses antes de “Entre duas datas” com o mesmo tema, o que leva a pensar que Machado estava às voltas com os efeitos do acaso e da passagem do tempo sobre o amor. Agora temos a paixão entre o marujo Deolindo e a caboclinha Genoveva, um idílio interrompido pela necessidade de o marinheiro embarcar para a Europa. Na despedida, ambos fazem juramentos de fidelidade. Dez meses mais tarde, Deolindo retorna ao Rio de Janeiro cheio de amor, esperança e um par de brincos comprado em Trieste à custa de muita economia. Ao procurar Genoveva, descobre que ela se juntou a um mascate. Por algum tempo, de fato curtira as saudades de Deolindo, então o mascate começara suas investidas, que ela a princípio recusara, até que “um dia, sem saber como, amanhecera gostando dele”. O marinheiro não compreende a atitude dela, que dez meses antes fizera todas aquelas promessas e agora lhe responde com toda a simplicidade e sinceridade do mundo: “Quando jurei, era

verdade". Inconformado com a quebra da palavra e corróido pelos ciúmes, o marinheiro pensa primeiro em matar Genoveva, depois em matar o rival, e finalmente diz que vai se matar. Mas acaba por não fazer nada e se apresenta aos companheiros de bordo com "um sorriso satisfeito e discreto" de quem tivera uma noitada de reencontro com a mulher amada, a "noite de almirante" que jamais existiu.

Quando Genoveva diz a Deolindo, com a maior candura e sinceridade, que, na ocasião em que lhe jurou amor eterno, dizia a mais pura verdade, a ideia da eternidade do amor, uma crença romântica, vira pó diante dos nossos olhos. A duração do amor, em Machado, pode ser contabilizada de várias maneiras, inclusive monetariamente, como ocorre na célebre frase de Brás Cubas: "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos".

Os cálculos monetários e as questões de classe em torno do amor e do casamento são constantes em Machado, ocorrendo, por exemplo, em "Mariana" e "Frei Simão", histórias que não se realizam por cálculos individuais ou familiares sobre as vantagens e desvantagens sociais.

"Mariana" versa sobre um assunto de que o autor raras vezes tratou abertamente: o amor inter-racial, neste caso entre uma escrava, a Mariana do título, e o filho da sua senhora, um rapaz chamado Coutinho. A história desse amor impossível é contada muitos anos depois, num encontro casual entre quatro amigos, por ocasião do retorno de um deles, Macedo, de uma temporada de quinze anos na Europa. Ao ser interrogado sobre seu casamento com a prima, Amélia, Coutinho revela aos amigos que a união, marcada para ocorrer quinze anos antes, jamais se realizou, pela intercorrência do episódio amoroso envolvendo "uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa". Apesar de todos os cuidados com a moça, que o conto insiste ser tratada pela família de Coutinho "como filha", e da beleza, das prendas e dos dotes dela, o conto vai deixando clara a largura do fosso que se estendia entre o rapaz e a "cria" da casa. A narrativa também mostra a ambiguidade da situação de

Mariana, que, ao buscar um lugar para os próprios sentimentos, encontra o muro intransponível da condição de cativa e fugitiva. Ao longo da narrativa, ela também experimenta com amargura a violência e a crueldade embutidas na afeição que os senhores dizem ter por ela — verdadeira até o momento em que consideram que Mariana abusa dos seus sentimentos e generosidade. O enredo, que apela para motivos caros às narrativas românticas, deixa claro que a situação é um beco sem saída. O amor entre Mariana e Coutinho não só é impossível como também esteriliza tudo o mais, na medida em que, por causa dele, Amélia desiste do casamento, Mariana põe fim à própria vida e Coutinho permanece solteiro aos 39 anos, desfrutando de sua condição de moço bem-nascido. Apesar da intensidade emocional com que a história de amor é recontada tantos anos mais tarde, o narrador faz questão de nos dizer que ela serve apenas para reavivar emoções da mocidade, tanto que, finda a narração, os quatro homens ociosos se distraem com os pés das moças que descem dos carros na rua do Ouvidor.

17

“Frei Simão” conta a história do amor frustrado do protagonista e de sua prima, Helena, bela, meiga e boa órfã que encontra abrigo e proteção na casa dos pais dele. A convivência entre os jovens logo se transforma em amor, seguido pelo sonho do casamento. Isso contraria os planos dos pais, que desejam para o filho a união com uma herdeira rica. Nas palavras do narrador, eles “Davam de boa vontade o pão da subsistência a Helena; mas lá casar o filho com a pobre órfã é que não podiam consentir”. A fim de desbaratar os planos dos jovens, o pai de Simão envia o filho para uma missão comercial junto a um correspondente, a quem encarrega de segurá-lo até segunda ordem. Os jovens amantes trocam cartas até que os pais as interceptam e passam a sabotá-las. Em certo momento, o pai escreve ao filho dando a notícia da morte de Helena e chamando-o de volta à província natal. Completamente desiludido, Simão comunica ao pai que vai entrar para a ordem dos beneditinos, o que causa enorme desgosto à

família. Anos mais tarde, em missão religiosa, ele depara com Helena, vivíssima e casada com outro. A comoção do reencontro é tão grande que Simão começa a delirar, logo depois adoece e se despede do mundo com a seguinte frase, para espanto dos seus confrades: “— Morro odiando a humanidade!”. Dois meses depois do fatal reencontro, Helena morre. Do amor espontâneo e puro da juventude, não sobra nada, nenhuma esperança. Entretanto, somos advertidos já nas primeiras linhas do conto de que a história está sendo recontada a partir de fragmentos de memórias deixados pelo frade enlouquecido de amor — “fragmentos incompletos, apontamentos truncados e notas insuficientes; mas de tudo junto pôde-se colher que realmente frei Simão estivera louco durante certo tempo”. O que nos remete novamente à instabilidade criada pelo narrador de “Missa do galo”, escrito três décadas mais tarde.

O interesse material e monetário é uma força importante, mas não determinante, nas relações amorosas criadas por Machado de Assis. Isso fica sugerido por uma história diferente de tudo o mais que Machado escreveu. Trata-se de “Terpsícore”, em que o título mitológico, referência à musa grega da dança, nomeia uma rara história de amor pleno, alegre e embalado pela sensualidade. Os protagonistas Glória e Porfírio, permanentemente ameaçados pela miséria, compensam as agruras da vida pobre com a disposição de se amar de uma maneira física que poucas vezes aparece tão explícita na prosa machadiana. Sabemos, por exemplo, que Porfírio se enamora de Glória não pelo rosto, mas pelo corpo, acompanhando com seus “olhos de sátiro” a moça em seus “movimentos lépidos, graciosos, sensuais, mistura de cisne e de cabrita”. Completamente fascinado, decidido a namorar e desposar Glória, desejoso de aproveitar mais plenamente os prazeres do amor, Porfírio chega a reservar o pouquíssimo que tinha para se matricular num curso de dança, no qual aprende valsa, mazurca, polca e quadrilha francesa. O casal se torna a atração dos bailes que frequenta. Sempre pronto a gastar o dinheiro que lhe chega às mãos para ver sua mulher

mais bonita e viver mais feliz, Porfírio vai driblando as dificuldades e confiando na sorte, que um dia efetivamente lhe sorri com um bilhete premiado da loteria. Como diz o narrador, para Porfírio tanto a opulência como a miséria eram regidas pela “lei e o prestígio do amor”, que de fato assume neste conto contornos muito singulares, de uma plenitude física e uma positividade muito raras no universo ficcional de Machado de Assis. O que nas mãos de um escritor naturalista poderia ser o prelúdio de uma tragédia acaba por se tornar a afirmação das possibilidades de conjugação do amor com a penúria material.

A REALIZAÇÃO NA ARTE

Se há algo que se aproxima do absoluto no universo ficcional machadiano, ele não vem associado ao amor, mas ao teatro, à literatura e principalmente à música. A arte, talvez por se basear na ilusão, parece ser a única dimensão possível para qualquer aproximação do absoluto, como fica sugerido tanto em “Trio em lá menor” como em “Cantiga de esponsais”, em que a expressão do amor se desloca para a música, e mesmo assim para um “lá” difícil, se não impossível, de se alcançar.

Em “Curta história”, temos dois namorados, Cecília e Juvêncio, que se amavam com ardor, ainda que com pouca paixão. O parco entusiasmo se devia principalmente ao rapaz, que, segundo o narrador, era um tanto sem graça: “não era bonito, nem afável, era seco, andava com as pernas muito juntas, e com a cara no chão, procurando alguma coisa”. Mas eis que, um dia, o grande ator Rossi passa pela cidade para representar *Romeu e Julieta*, acendendo a imaginação e arrebatando as emoções de Cecília. Ela cai de amores por aquele Romeu, sentindo-se a própria Julieta e experimentando, pelo menos na imaginação, a grande voltagem amorosa. Terminada a peça, Cecília se compenetra de que seu Romeu era mesmo o Juvêncio, “vulgar, casmurro, quase sem maneiras”. Aos poucos, esquece os devaneios amorosos e,

comovida tão somente por amar Juvêncio, aperta sua mão, o que gera o comentário mordaz do narrador: “Isto quer dizer que todo amado vale um Romeu”. A acomodação da fantasia à realidade fica arrematada pela notícia final de que Cecília e Juvêncio se casam, têm dois filhos etc., vivendo a vida matrimonial mediana, sem Romeu e Julieta no horizonte.

Em “Trio em lá menor”, Maria Regina não consegue se decidir entre dois pretendentes: Maciel, um rapaz de 27 anos, de “belos olhos” e “fisionomia franca, meiga e boa”; e Miranda, um senhor de cinquenta anos, espiritualmente completo, mas com fisionomia “muito mais de pedra e fel”. Para a moça, igualmente enamorada dos dois, ambos se completavam, de modo que ela os combinava, “olhando para um, e escutando o outro de memória”, criando com isso uma única criatura perfeita no plano da imaginação: “Era a mesma insuficiência individual dos dois homens, e o mesmo complemento ideal por parte dela; daí um terceiro homem, que ela não conhecia”. Tomada pelo ideal e pela imaginação, assim como a personagem Flora de *Esau e Jacó* (1904), Maria Regina continua oscilando indefinidamente entre um e outro, como se tocasse sem parar uma sonata que consistisse na repetição da mesma nota: lá, lá, lá, que também remete ao lugar inatingível — lá é um advérbio de lugar que sempre indica o lugar onde não estamos. Dessa forma, o título sintético do conto remete tanto ao triângulo amoroso insolúvel quanto à impossibilidade do absoluto, da perfeição. É isso o que diz a voz surgida do abismo que fecha o conto: “— É a tua pena, alma curiosa de perfeição; a tua pena é oscilar por toda a eternidade entre dois astros incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá, lá, lá...”.

“Cantiga de esponsais” conta a história de um músico solitário, mestre Romão, grande executor de partituras alheias, mas que na altura dos sessenta anos sente enorme frustração e melancolia por não conseguir compor, ou seja, por não alcançar traduzir em música o que ele próprio sente. A incapacidade criativa parece associada aos infortúnios de sua vida amorosa. Casado com uma moça muito